CRETINOS

CLODOALDO TURCATO

CRETINOS

Primeira Edição

EDITORA LIVRE PENSADOR

Recife, Pernambuco

Titulo Original

Cretinos

Primeira Edição

Copyright @ 2014 by Clodoaldo Turcato

Copyright da edição @ 2014

Editora do Livre Pensador

Avenida Presidente Kennedy, 4834

Candeias

54430-030 – Jaboatão dos Guararapes – PE

Telefone (081) 3425.4516/ (081) 8162.4184

www.editoradolivrepensador.com

e-mail: editoradolivrepensador@editoradolivrepensador.com

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Capa: Instituto do Livre Pensador

Ilustração de capa: O beijo de lua , Clodoaldo Turcato

Revisão: Luciene A.S. Moura.

Dedico este trabalho em especial a querida Luciene Aparecida da Silva Moura, que teve a paciência de suportar estes dias de criação e brutalidade a que Minh 'alma expunha. Grato pelo extenso trabalho de revisão a ajustes que eu nunca quis fazer. Grande alma, grande lembrança e amor eterno.

PREFÁCIO

Cretinos me fez lembrar outros bons títulos brasileiros, como: O Que é Isso, Companheiro?, Arco de Triunfo, Nos Ombros do Cão, Eles Não Usam Black-Tie e até Gabriela – Cravo e Canela.

Incrível como em uma narrativa rápida, temos o encontro com a realidade brasileira, nua e crua. A miséria que é profundamente ocultada por Governo e burguesia.

Clodoaldo Turcato nos faz viajar pelas ruas de Recife de uma maneira que sem qualquer dificuldade, personagens e cenários se desenhem com fluidez em nossas mentes.

A miséria social, intelectual e cultural são mostradas de maneira explícita.

A jovem Mariana é uma personagem que nos atrai, fascina e comove.

Uma mistura de inocência e sexualidade profana.

Os demais personagens é o retrato fiel de uma sociedade que é a verdadeira face do Brasil.

Diálogos reais. Cenas do cotidiano. Uma miscelânea onde o popular e o erudito colidem trazendo lascas para todas as direções.

O livro tem um forte apelo social. Não deixa de mostrar o que existe a nossa volta em momento algum.

É divertido e inteligente. Faz o leitor rir, pensar e se emocionar.

E impossível é deixar de imaginar como se este livro não fosse uma peça de teatro ou mesmo um filme.

Cretinos é, sem dúvida, um tesouro em meio à literatura contemporânea brasileira.

Indispensável para quem quiser uma verdadeira aula de como se contar um ótimo enredo que nos faz querer mais após a última página.

L. L. Santos,

Autor de Bullying – Matando Aula.

Revista de Zéfiro.

Ao cruzar a Rua da Soledade, Mariana sentiu um calafrio. Que barulho seria aquele? Talvez um desastre!

_ Alguém aí viu... porra!

Apenas poeira.

“Mais um dia incomum...”

_ Melhor voltarem para se protegerem. Tão atirando para todo lado...

Pum!

“Tiro!”

Agora que ia para casa, cansada depois de ficar toda manhã naquela loja de celulares tentando empurrar o último modelo da Nokia: uma porcaria que só trocou os botões de lugar e não ajuda em nada.

_ Mari...

“Detesto que me chamem assim”.

_ ... tem o banheiro para limpar. Alguém entrou e cagou... Tá o Diabo. Preciso que cuide disso, querida - ordenou-lhe a Gerente gorda.

_ Mari. Ela tá sabendo que tu tá com o namorado dela... Mas também, como alguém vai ficar com uma

montanha de banha dessas? – disse-lhe, em surdina, Alice, tão idiota quanto sua especulação.

O amor é cego, caolho ao menos.

_ Deve ser pelo dinheiro dela, né? – insistiu Alice, já conformada com a falta de confirmação.

Mariana sentiu nas mãos o cheiro forte de desinfetante de limpeza vagabundo que a Loja comparava em litros no Mercado São José.

_ Contenção... quanto mais economia, mais a gente ganha.

_ Essas bonitinhas devem dar para metade da chefia para conseguir um lugar na loja. Não confio em mulheres arrumadinhas... – futricava Maria Gorda ao receber funcionárias de corpos esbeltos, ameaças a suas conquistas baratas.

_ Amor... ela nem é tão bonita assim.

_ É! Mas você vive de olho nela, né?

_ Nem tem tudo isso...

_ Sei...

“ Vou ao Shopping Boa Vista e lavar as mãos de novo. Talvez me abrigue lá. Talvez não leve um tiro”.

_ Ei, você é gata. Depois que eu deixar ela em casa a gente pode sair.

_ A Gorda tá querendo meu rim. Se eu sair, ela me demite.

_ Demite nada. Eu sou dono disso aqui.

_ Dono!

_ Praticamente – Beto sentou-se sobre a mesa e estendeu o número de telefone anotado num pedaço de guardanapo.

Mariana seguiu limpando o vaso sanitário.

_ Dizem que o Beto é oficial... Mas Gorda tem mais. Santinha!

A eterna disputa feminina!

"Nossa! Não sabia que vendiam estes quadrinhos eróticos ainda. Zéfiro!".

Mariana procura no canto secreto onde guardava vinte reais para emergências. Precisava daquela revista. Onde estariam?

"Melhor encomendar e pegar noutro dia. Mas esse idiota tá fechando".

_ Não! Nada. Tenho que fechar. Tá tendo assalto. Parece que é no Shopping.

_ Pode reservar...

_ Tá. Passa amanhã...

_ Mas...

_ Ei. O que foi lá – perguntou o banqueiro a um transeunte que tentava correr para algum abrigo.

_ Tão trocando tiro no Shopping... – respondeu um gordo quase esbaforindo.

_ Mas foi no Shopping mesmo?

_ Não... foi no Itaú.

Mariana não entendia o pânico. Perder Zéfiro a incomodava muito mais. Então gritou:

_ E a merda do Shopping fechou?

Os dois se entreolharam. Pela primeira vez perceberam que Mariana estava diante deles, apenas querendo uma revista de Zéfiro, depois de ter passado a tarde limpando uma privada onde a Gerente Gorda defecara, mesmo sabendo que estava entupida, somente para acabar com a unha, as mãos e o resto da boa vontade dela.

_ E aí, Mari...

“O que tem de errado em Mariana.”

_ ... como foi? Ele é gostoso? Ele sabe fazer?

Pergunta como se nunca tivesse ficado com ele. Nem tanto. Apenas normal. Já vi melhores. Melhor calar.

_ Tá. O que você quer mesmo?

_ Reservar esta revista... do Zéfiro.

_ É dez...

_ Dez! – Olhou de novo para a etiqueta – Mas tá vinte.

_ Mas não vende. Tá há um ano aí. Uma porcaria.

“ Ele não pode estar falando da revista”.

_ Dez mesmo?

_ É... toma aqui – atirou a revista no colo dela - Tu estuda aqui perto, tem cara de honesta. Me paga amanhã – e baixou a porta de metal sem olhar para trás.

Fácil.

“Pelo menos este assalto serviu de alguma coisa”.

A rua estava quase deserta. Apenas a polícia com seu barulho infernal e alguns curiosos que tentavam encontrar algum fato novo para fofocar a semana toda.

“Que bandidos burros. Agora vou ficar com as mãos fedendo até em casa”.

_ Nossa! Você tá um lixo... menina! – disse-lhe a Gorda quando saiu do banheiro – Melhor ir para casa. Devia tá ruim, né?

Ironia. Apenas neste momento venceste. Vou tirar aquele Beto de você, pode deixar comigo.

Mariana desceu a rua, agora mais depressa. Não tinha medo dos tiros. As balas só atingem as feias. Se tivesse sorte a Gerente gorda seria atingida.

_ Nem tanta sorte, querida. Esses cascudos duram séculos.

O Derby ficava perto e decidiu ir andando, afinal de contas não tinha pressa e restavam duas horas de folga, tempo para lavar as mãos e ler um pouco.

“ Porcaria. Esse cara não merece receber nem um centavo. Se quiser dou cinco ou devolvo. Melhor usar uma copiadora.”

_ Ei! Mocinha!

Uma senhora pequena, de bengala em punho, muito parecida com aquelas das propagandas de Calcitran, estava a sua frente.

_ O que tá acontecendo no Shopping?

Sua voz era fina e firme. Mariana aproximou-se para ouvir melhor.

“Tá fedendo mesmo. Puta, que cheiro de bosta”.

_ Não é no Shopping... é no Banco...

_ Disseram que era no Shopping... esse povo não sabe mentir.

A velhinha olhou para o chão. Sacudiu a cabeça desanimada e voltou seus olhos para Mariana, que escondia as mãos atrás do corpo.

_ Filha, tenho oitenta e cinco anos e não minto...

_ Nossa! Sozinha assim?

_ Eu e Deus, filha. Minha vista quase não mostra nada.

“Ainda bem. Se ela visse a revista ia ter um ataque. E o nariz? Talvez não sinta cheiro.”

E a velha ficou falando sozinha. Alguns passos depois Mariana ainda escutava o discurso do quanto vivera e há quantos anos tinha perdido marido, filhos...

_ Ei! Menina! Menina!

“Será que é pecado deixar uma mulher idosa falando sozinha? Eu não aguentaria dois minutos mais. Deus!”

O remorso ou Zéfiro?

“Parece que a polícia parou de atirar.”

A rua tornou a encher de gente.

“De onde vem tanta gente?”

Apartamento 12

_ Maria! Maria!... Onde se meteu essa pirralha?

Os gritos vêm do apartamento ao lado, um fétido pedaço de alvenaria de dois cômodos, um banheiro malcheiroso e área de serviços, encravado no meio de Boa Viagem, no edifício mais nojento de Recife.

_ Será que foi na casa daquele...

Reconhecia a dona da voz: uma cafetina grande e gorda, conversando sozinha, ares de preocupada, nem tão contundentes. Os passos iam e vinham socando o piso com cerâmica de péssima qualidade em cores brancas e flores pequenas azuis, cobrindo o chão e as paredes daquele ninho de gente, ratos, baratas, bichas e putas.

_ Oi! Sou Maria... sua vizinha. Posso ser sua amiguinha?

O lixo, espalhado pelo chão, cobriam os pés pequenos e serelepes da pequena de dez anos ou menos.

_ Essa é a Mariazinha, minha amiguinha. Ela chora... é só virar de cabeça para baixo. Olha.

A roupa das duas era semelhante, exceto que Mariazinha estava limpa, bem cuidada e soltando cheiro de sabão.

O choro chato mistura-se pelos sons dos quarenta e seis apartamentos que compunha o Holiday.

_ Olha, falam mal daqui. Mas eu tô aqui há vinte anos e o negócio é trancar as portas e não se meter na vida de ninguém... E o preço é conforme o mercado... Vale sim e o bom que o negócio fica tudo quieto e ninguém sabe nada.

“Aonde vim parar!”

_ Eu posso fazer umas coisas pro Senhor...

A porta de compensado de terceira, mal pintada, quase caindo, a mantinha em pé naqueles segundos de oferta.

_ Mas Mariazinha não pode ver. Ela conta tudo para mamãe. Mariazinha guarda metade de tudo... mamãe não pode saber. Escondo aqui, ó...

“Ninguém se mete.”

_ Então? Posso ser sua amiga?

Da rua, o fedor do mar piorava ainda mais à noite quente, calcificada por uma formação de isolamento sustentado pelos arranha-céus modernos, que tentam sufocar a lama que escorre do prédio redondo.

“Que porra de música alta.”

_ É pequeno. O cara do 23 me machuca sempre. Eu só faço isso, mas ele quer sempre enfiar o dedos e me faz engolir. E não se lava direito.

"Por que esse brega barato. Não vou conseguir... ah!"

_ Pum ! Olha só... cheio. Quer que engula? ... Não precisa?

A maré baixa piorava os odores, que agora se misturavam a sua vergonha, despejando seus cheiros pelos remorsos logo esquecidos.

_ Precisa se lavar... deve chegar água hoje. Tem um lenço?

É, tal negócio!

Não escutava mais passos, nem conversas. Tudo parado... Instantes: passos misturados de calçados falsificados num frenesi que marca o chão empoeirado.

_ Não tem condomínio. Cada um limpa seu canto. E os corredores? Bom, é cada um por si.

Vassoura: objeto estranho!

_ Nossa! Camisinha no chão! E as crianças não veem isso?

_ Aqui a criança já nasce crescida, meu bem. Vira adulto depressinha, bicha!

_ Há!

As vozes se distanciam cultas, porosas e inevitáveis, como os fantasmas que escolheram aquele lugar para assustar-se.

_ É dez. O senhor gostou?

“ Revista veja, R$ 9,90”; “cachaça Pitú R$ 8,00”; “DVD pirata, 3 por R$ 10,00”...

_ Pode escutar tudo, mas meia-noite baixe o volume. E drogas sem que eu saiba. Não quero policiais aqui...

“ E esse Dj Nãoseioquê de novo.”

_ Até que enfim, Maria!

_ Eu tava no 23, mãe...

_ E?

_ O moço disse que tá nascendo pelinhos...

_ E aí?

_ Quis botar a boca...

_ Sério!

_ Sim, normal.

_ Só isso?

_ Me deu mais hoje, olha...

Silêncio e barulho de notas contadas.

_ Mãe, o homem do 12 quer me dar cem para botar atrás.

Silêncio de indignação.

Passos ligeiros, cada vez mais altos. Batidas na porta, vigorosas.

_ Eu sei que tu tá aí!

Silêncio da covardia.

_ Se quiser botar atrás são R$ 200,00, no mínimo.

Passos... passos.... pequenos

_ A mãe explora essa aí desde os seis anos. É a chupa-chupa do prédio.

"Hum!"

_ Vamos Maria. O homem deve estar bêbado de novo. Amanhã você fala com ele.

Alívio!

_ É, bora Mariazinha... e não chora, viu!

Choro irritante.

“Ela deve ter virado a boneca.”

_ Duzentos paus!

Vestido verde

Mariana se sentou num banco de cimento com propaganda velha de Coca-Cola, no meio da praça do Derby. Aproveitou e lavou as mãos no banheiro feminino e tornou a sentar, foleou a revista e passeou pelos desenhos eróticos.

"Como mulher gosta de meter a boca. Melhor mudar rumo. Fazer o que em casa tão cedo. Vou até Boa Viagem. Aquele doido do Cláudio mudou de novo, farei uma visita surpresa. Talvez seja divertido".

_ Moça, vai querer amendoim?

_ Não... não quero, não!

_ Mas para moça sai mais em conta...

Mariana levantou-se e foi na direção do ponto de coletivos. Meia hora e estaria em Boa Viagem, perto do mar, da brisa e do cheiro das canaletas sujas.

" Esses coletivos nunca ficam vazios".

_ É dois e vinte e cinco... zona sul, sabe como é – explicou um cobrador sorridente, resvalando seus olhos pelo decote generoso de Mariana.

_ Mas... só tenho dois... – mentiu Mariana, curvando-se sobre a bancada.

Sedução, velha artimanha.

_ Senta na frente - velho sorriso otário – Mas se aparecer um idoso ou deficiente, levanta.

_ Tá! Pode deixar.

“Se eu cruzar as pernas ele não vai me cobrar. Talvez tenha que aguentar alguma piadinha”

“E a câmera? Quem tem que se preocupar é ele. Como está olhando. Vou me ajeitar para facilitar”.

E as ruas estavam cheias. Gente para todo lado. Quanta gente, meu Deus! E nesse momento, mais gente fazendo gente. Hum! Olha, velhos. Ficar velho deve ser duro.

_ Oitenta e cinco anos, filha... Eu e Deus.

“Deveria voltar pro Derby”.

Era oitenta e três mesmo? Oitenta e porrada.

“Será que quando eu ficar velha vou estar daquele jeito, somente com Deus?”

Lembre-se de que tudo o que fizeres em terra a um destes pequeninos...

“Será que com oitenta e cacetada ainda se tem tesão? Como são feios dois velhos nus. Vi no Facebook

uma foto idiota de dois velhos na cama. E tem gente que acha aquilo bonito. Quero não!”

_ Ei, moça? – Era o cobrador dos olhos ligeiros – Ei!

_ Hum!

“ É comigo. Tenho que pagar a passagem.”

_ Mora por aqui?

“Ele tem um relógio falso e... os óculos também é”.

_ Sim... no Holiday.

Prédio de putas! Logo se vê.

Holiday.

“Engraçado quantos pescoços miraram agora meu vestido verde e curto. Por que não olham meus cabelos, olhos ou meu sorriso inocente? Perceberam minhas coxas grossas e demais...”

_ Tu até te daria bem... se não fosse esse seu jeito de putinha – Cláudio o amigo honesto – Pode colocar qualquer roupa, mas sempre vai parecer que é puta. Algo que tá no sangue.

_ Nossa... assim! – lisonjeada.

_ É você é do tipo que todo homem quer para amante... não serve para esposa, sabe!

_E isso é bom?

_ Hum! – Como se tratasse de um negócio – Pode dar alguma grana.

_ Ei!

_ Tanta gente faz tanta coisa pior...

“Este ônibus que não para de sacolejar.”

_ Nossa! E como é morar lá? – Perguntou o cobrador já se desinteressando.

Tipo que todo homem quer para amante.

Todo mundo tem um cachorrinho hoje em dia. Nem sei o nome de tantas raças. Essas madames não sabem mais o que fazer para preencherem seu dia a dia. Deveriam arranjar uns amantes bem jovens, quem sabe daria mais sentido a suas vidinhas luxentas. E esse negócio de cachorro...

A Avenida Agamenon Magalhães mantem a tradição do engarrafamento. Vários motoristas tentavam escapar pelas laterais sobre a calçada. Vendedores de caldo de cana com seus carrinhos velhos interrompiam a passagem dos carros e corriam risco de atropelamento. Se

não bastasse, uma carroça puxada por cavalos seguia no meio da pista, comprometendo a fluidez.

Cavalo... Um desses fotógrafos idiotas, que estão sempre duros e ganhando prêmio, fariam uma foto e tanto aqui.

_ Normal. A gente mora, paga condomínio e vai indo – respondeu Mariana, quase ofendida por sua mentira causar tanto efeito – Tem vizinhos bons e ruins. Igual a qualquer lugar.

Agora todo mundo escuta. Silêncio no meio do caos.

“Estão doidos para saber como é no prédio, mas tem medo de perguntar”.

Fica mal para empresa olhar este vestidinho verde que insiste em levantar. Que pernas!

“Ele vai me cobrar a passagem”.

O motorista, um gordo engraçado, espiava pelo retrovisor ao embaraço do colega.

_ O que foi garanhão? - Gargalhou.

_ Te liga na rua, pilantra.

_ Ele não é pra tanto, moça – Piscou o olho o motorista, sem deixar de dar uma olhadela despretensiosa do tipo “não é para mim, mas olhar não tira pedaço”.

Muitos riram. As senhoras se benziam.

O cobrador queria mais. Hum! Como conseguir o telefone?

_ Eta! Que sol, né moça? – reclamou o motorista, perdido nas coxas grossas à mostra.

Pode dar algum dinheiro.

Buzinas. Alguém não reconhecia seu direito a olhar.

_ Que pressa. Passem por cima! – gritou o motorista recuperado do passeio.

“ Agora tenho certeza que não vão cobrar minha passagem. Mais um sorriso e duzentos metros”

_ Vai descer? – Perguntou o cobrador.

_ É aqui.

_ E...

Mariana se levanta e entrega um pedaço de papel.

_ Tá aqui. Posso descer pela frente?